

Um mapa para “Mapas” ou um texto partitura

Gabriela Nobre Nobre¹

¹Universidade Federal Fluminense
gabrielanobre.nobre@gmail.com

Algumas considerações

“Mapas” é, originalmente, um poema de três seções escrito em 2010, cujo texto é uma reflexão sobre a deriva e uma aproximação desse tema com a ação de tocar ao vivo, performar. Durante um período considerável eu o reescrevi diversas vezes, sem chegar a uma versão definitiva. Somente anos depois decidi unir o poema a algumas *tracks* que eu vinha trabalhando para o b-Aluria¹. Mas isso não se deu sem um procedimento considerável de recortes, recombinações e reescritura, além da criação de novos versos e da saída de cena de alguns outros.

Sua versão sonora começou a ser pensada a partir de uma longa improvisação gravada com sintetizador e pedais de efeito. Essa gravação foi posteriormente fragmentada e então recomposta, tornando-se uma camada sobre a qual o texto é lido. A ideia pregnante no texto, qual seja, a performance como analogia da deriva, sugeria que *Mapas* deveria ser pensada como ato, realizado em apresentações ao vivo. Diferentemente do que costumo fazer na maioria de minhas apresentações, na performance de *Mapas* a voz principal é reproduzida pelo toca fitas ao invés de ser falada em tempo real. É ela que dispara no toca fitas, sem que ela se dê a ver. Eu a opero via gravação, mas não de corpo presente. O que está em jogo é a voz fantasma² dessa gravação, uma espécie de performatividade fantasmagórica dela. O que é encenado é a minha voz que é uma outra nesse dispositivo, nessa mídia gravador. Nos primeiros minutos faço uma leitura completa do poema, e depois o que se ouve é essa voz fantasma sendo aos poucos encoberta por uma outra leitura de partes específicas do mesmo poema, gravada “por cima” da existente. O texto inicial aparece então fragmentado, tornando-se, assim, um outro: o texto fantasma daquele inicial, dito, por sua vez, por uma voz fantasma.

Ainda que tenha sido originalmente projetada enquanto performance, no início de 2020 decidi produzir uma versão gravada de *Mapas*: uma peça para fita e 3 vozes fantasma. Seções de eventos de graves e subgraves, gerados em sintetizador, são disparadas por pedal de *loop* e se desenvolvem até tecer uma estrutura densa e narrativa, seguida por uma voz eixo gravada em toca fitas, e por uma 2 a voz, disparada por sampler. O ápice da peça é o momento em que surge uma 3 a voz: há uma gravação que surge encobrindo aquela da voz eixo, gerando uma nova disposição para os versos. Dessa forma, o que entra em jogo é um processo de complexificação do texto original. O que me interessa nesse gesto é o comportamento dos versos que morrem e se recriam à medida em que uma voz fala e a outra impõe sua presença, ganhando o espaço da primeira.

Mapa

Além de um poema, uma performance e um fonograma, *Mapas* é agora também um texto partitura, uma vez que procuro borrar, aqui, a fronteira entre esses dois formatos. É um texto que indica a possibilidade de versões outras deste trabalho, sugerindo aspectos essenciais ao mesmo tempo em que abre espaço para contribuições por parte de suas leitoras.

Sobre o efetivo instrumental

Mapas é uma peça para sons graves, vozes e toca fitas. Cada um destes elementos deve ser entendido conforme as indicações que se seguem:

sons graves

A camada de sons graves pode ser gerada eletronicamente ou não. Caso seja executada por instrumentos, sugiro algumas possibilidades: 1 ou 2 baixos elétricos e pedais de loop; 2 contrabaixos; naípe de metais graves; ou ainda qualquer outra formação instrumental que garanta a sustentação sem quebras aparentes de sons graves.

vozes

A peça pode ser executada com 1, 2 ou 3 vozes.

toca fitas

Operar o toca fitas é parte imprescindível da performance, gesto que deve estar destacado dos demais instrumentos caso estes estejam presentes ou evidentes no espaço da performance.

Sobre a forma

Mapas é composta por quatro seções, tal como descritas abaixo:

Seção 1 -

Sons sustentados, ou um continuum sonoro deve surgir junto a modulações discretas a serem formadas ao longo de 4 minutos, e servir como uma espécie de base para o texto que andarão junto com ele até o fim. Após sua montagem, essa camada de sons graves deve permanecer soando durante o restante da performance. Seu caráter narrativo deve partir de reincidências, e seu comportamento é o mesmo de um *loop*, ou seja, ao final do minuto 4, deve retornar ao começo, mas de forma a evitar cortes abruptos de execução. Aqui, tudo o que expandir a noção de passagem do tempo é bem-vindo.

Seção 2 -

A partir do minuto 4, deve ser reproduzida por sobre a camada de sons graves uma leitura do texto de *Mapas*, previamente gravada em um toca fitas.

eu não sei o que um mapa orienta e nem o que é um mapa
 a deriva é sem instruções e cega
 quando demora a vinda é de navio
 ir é longo porque o barco sustenta a si mesmo
 só metade do seu desenho inteiro no mapa carta de marear
 a arte de ficar quieta é não abrir mão dos pés quando eles te sustentam fixa inanimada
 a arte de ficar quieta supõe um mapa na palma das mãos e o mapa da alma nos pés
 supondo o fim de todas as coisas notou um corpo e era ele que ia acabando
 você me diz que tocar é uma espécie de porão
 não é um *work in progress* e no máximo pode ser um procedimento
 eu estava pensando mesmo sobre o poema dos icebergs
 e em deslizamentos ultrapassagens

A leitura do texto deve fazer sentido para quem a lê, e sua gravação e reprodução devem garantir um máximo de inteligibilidade para o ouvinte. Não deve ser interpretada ou afetada de qualquer forma. O texto também não deve soar como palavras soltas. Sugiro uma leitura para si, mas com voz presente. O tempo de leitura sugerido é de cerca de 1'30". Pode-se pausar e reiniciar a reprodução da fita, tornando audíveis para o público os sons dos cliques dos botões de stop e play, sempre que possível. Contudo, é importante atentar para que os versos não sejam interrompidos no meio de uma palavra ou antes de serem finalizados. Caso opte-se pela amplificação dos sons dos mecanismos do toca fitas, deve-se buscar um resultado sonoro natural, que funcione apenas como reforço dos sons do próprio aparelho.

Seção 3 -

2 vozes entram em 5'40". A primeira delas consiste de uma nova reprodução da leitura gravada em tape da seção 2. Essa deve ser acompanhada por uma segunda voz ao vivo, que pode ser a mesma da gravação ou uma outra. Caso opte-se por uma outra voz, essa deve estar fora de cena. As duas devem se manter com certo atraso uma em relação a outra, à maneira do exemplo abaixo. Assim como na seção 2, aqui a análise do texto deve orientar o procedimento de corte. Porém, neste momento visa-se criar algo à maneira de um contraponto, não somente com imitações e deslocamentos, mas também, por vezes, o encontro das vozes em versos semelhantes. Toda a leitura deve durar cerca de 1'30".

eu não sei o que um mapa orienta
 e nem o que é um mapa
 a deriva é sem instruções e cega
 eu não sei o que um mapa orienta e nem o que é um mapa
 supondo o fim de todas as coisas notou um corpo e era ele que ia acabando
 eu não sei o que um mapa orienta
 só metade do seu desenho inteiro no mapa
 você me diz que tocar é uma espécie de porão
 supondo o fim de todas as coisas notou um corpo e era ele que ia acabando
 a arte de ficar quieta
 a arte de ficar quieta supõe a mapa na palma das mãos e o mapa da alma nos pés
 eu estava pensando mesmo sobre o poema dos icebergs e em deslizamentos ultrapassagens
 você me diz que tocar é uma espécie de porão

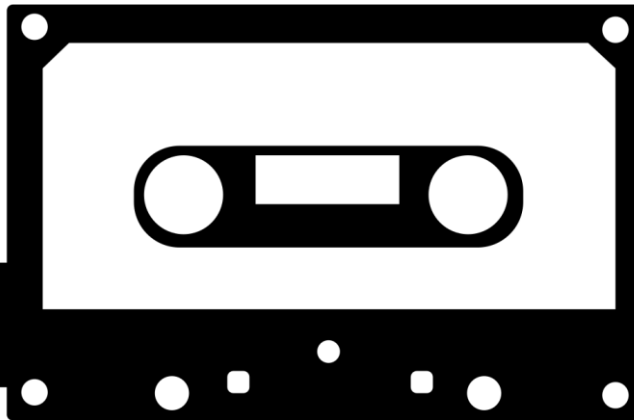
eu não sei o que um mapa orienta
 e nem o que é um mapa
 a deriva é sem instruções e cega
 ir é longo porque o barco sustenta a si mesmo só metade do seu desenho inteiro no mapa
 só metade do seu desenho inteiro no mapa
 a arte de ficar quieta é não abrir mão dos pés quando eles te sustentam fixa inanimada
 só metade do seu desenho inteiro no mapa
 supondo fim de todas as coisas notou um corpo e era ele que ia acabando
 a deriva é sem instruções e cega
 eu não sei o que um mapa orienta
 só metade do seu desenho inteiro no mapa
 você me diz que tocar é uma espécie de porão
 supondo o fim de todas as coisas
 notou um corpo e era ele que ia acabando
 eu estava pensando mesmo sobre o poema dos icebergs
 só metade do seu desenho inteiro no mapa
 deslizamentos ultrapassagens

Seção 4 -

2 camadas de uma mesma voz entram a partir do minuto 7. Essa seção deve durar cerca de 1'30". Nesse espaço de tempo, deve-se buscar um ápice de ruído textual, como no exemplo abaixo. Para tanto, deve-se produzir uma segunda gravação contendo uma leitura do texto de *Mapas*, assim como na Seção 2. Porém, dessa vez sobrepõe-se a essa gravação uma 2a camada de leitura que atravessa a 1a, alterando sua disposição inicial. Ao preparar essa gravação, é importante buscar um resultado de corrosão, ou complexificação do texto original. Aqui, mais uma vez, é importante a presença de sons de cliques dos botões de stop e play, sempre que possível.

A camada de sons graves deve ser interrompida por volta do minuto 9. Os responsáveis pela manutenção dessa camada devem buscar um consenso sobre o final de suas performances, que devem ser concluídas sem cortes ou intervenções abruptas.

eu não sei o que um mapa orienta e nem o que é um mapanotou um corpo e era ele que ia acabando em deslizamentos ultrapassagens me diz que tocar é uma espécie de porão não é um work in progress e no máx só metade do seu arta de marear quando te s deslizamentos ultrapassag a arte de ficar quieta só me poema dos iceber iz que tocar é uma espécie de porão im de todas as notou um corpo e era ele que ia acabando sei o que um mapa orienta e n eu não sei o que um mapa o rienta e nem o que é um map notou um corpo e era ele que ia acabando em deslizamentos ultrapassagens me diz que tocar é uma espécie de porão não é um work in progress e no máx só metade do seu arta de marear quando te s deslizamentos ultrapassag a arte de ficar quieta só me poema dos iceber iz que tocar é uma espécie de porão im de todas as notou um corpo e era ele que ia acabando sei o que um mapa orienta e neeu não sei o que um mapa orienta e neeu não sei o que um mapa o rienta e nem o que é um map notou um corpo e era ele que ia acabando em deslizamentos ultrapassagens me diz que tocar é uma espécie de porão não é um work in progress e no máx só metade do seu arta de marear quando te s deslizamentos ultrapassag a arte de ficar quieta só me poema dos iceber iz que tocar é uma espécie de porão im de todas as notou um corpo e era ele que ia acabando sei o que um mapa orienta e neeu não sei o que um mapa o rienta e nem o que é um map notou um corpo e era ele que ia acabando em deslizamentos ultrapassagens me diz que tocar é uma espécie de porão não é um work in progress e no máx só metade do seu arta de marear quando te s deslizamentos ultrapassag a arte de ficar quieta só me poema dos iceber iz que tocar é uma espécie de porão im de todas as notou um corpo e era ele que ia acabando sei o que um mapa orienta e n eu não sei o que um mapa o rienta e nem o que é um mapanotou um corpo e era ele que ia acabando em deslizamentos ultrapassagens me diz que tocar é uma espécie de porão não é um work in progress e no máx só metade do seu arta de marear quando te s deslizamentos ultrapassag a arte de ficar quieta só me poema dos iceber iz que tocar é uma espécie de porão im de todas as notou um corpo e era ele que ia acabando sei o que um mapa orienta e neeu não sei o que um mapa o rienta e nem o que é um eu não sei o que um mapa o rienta e nem o que é um mapanotou um corpo e era ele que ia acabando em deslizamentos ultrapassagens me diz que tocar é uma espécie de porão não é um work in progress e no máx só metade do seu arta de marear quando te s deslizamentos ultrapassag a arte de ficar quieta só me poema dos iceber iz que tocar é uma espécie de porão im de todas as notou um corpo e era ele que ia acabando sei o que um mapa orienta e n eu não sei o que um mapa o rienta e nem o que é um map notou um corpo e era ele que ia acabando em deslizamentos ultrapassagens me diz que tocar é uma espécie de porão não é um work in progress e no máx só metade do seu arta de marear quando te s deslizamentos ultrapassag a arte de ficar quieta supõe um m



Considerações finais

Gravar a minha voz foi uma das saídas que encontrei para desmutar textos. E *Mapas* é parte de minhas apostas criativas pela busca de tornar um poema algo vivo e em constante movimento, longe do espaço circunscrito ao papel e limitado ao objeto livro.

Uma das coisas que o presente texto me revelou é que a partitura de *Mapas* orienta, além de uma performance, a montagem de uma fita. Essa mídia traz consigo a possibilidade de registro, assim como um papel ou

um livro, mas dá, vivamente, ao seu interlocutor a possibilidade que se opere com ela. Daí grande parte de seu interesse.

Me pergunto, então, se esse texto partitura funciona como máquina de exploração de um texto. E como uma compilação de procedimentos e de atitudes diante de um texto, abrindo indicações a flexibilizações produtivas. Para que se aceite a deriva.

Sobre a autora

Gabriela Nobre é artista sonora, poeta e performer nascida no Rio de Janeiro. É doutoranda em Estudos Contemporâneos das Artes, na UFF - Universidade Federal Fluminense, onde pesquisa as partituras verbais como interface entre música/arte sonora e poesia/texto literário. É mestra em Língua e Literaturas Francófonas pela mesma instituição onde também graduou-se. Sua atuação na música experimental se dá principalmente com o b-Aluria, projeto que investiga as relações entre som e palavra, ruídos, colagens e falas que criam narrativas descontínuas em busca de respostas às insuficiências da palavra escrita. *[vers]*, seu disco de estreia, foi lançado em 2016, seguido de *caos com nome* (2018). É membro do selo independente Música Insólita que divulga nomes da cena experimental brasileira.